

**PÓS-MODERNIDADE E MÚSICA POPULAR BRASILEIRA:  
uma leitura da canção “Homem Bomba”, de Caetano Veloso e Jorge  
Mautner**

Mauriene Silva de Freitas (PROLING/UFPB)  
Wilma Martins Mendonça (PROLING/UFPB)

O pastor virou doleiro  
Dinheiro virou cultura  
Poesia virou salário  
Vulgaridade receita  
Deus me livre dessa seita  
Cujo deus é feio e triste  
Se o belo ainda existe  
O belo quero procurar  
Outono verão inverno  
O mundo virou inferno  
De um diabo pós-moderno  
Haja fogo pra queimar

Zeca Baleiro

**Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar a canção Homem Bomba, de Caetano Veloso e Jorge Mautner, contida no CD “Eu não peço desculpas”, de 2002. Envolvida pela discussão da permanência do termo Pós-Modernidade, este estudo identifica as visões de mundo dos compositores desta música, bem como, suas relações com a sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Pós-modernidade. Música popular brasileira. Caetano Veloso.

**1. INTRODUÇÃO**

A expressão “pós-modernidade”, embora bastante utilizada nos meios universitários, ainda se presta a inúmeras confusões e controvérsias. É um termo que há muito escutamos, mas não sabemos, ao certo, o que significa. Um dos pioneiros no uso desse termo, o francês François Lyotard vai explicá-lo a partir do discurso literário, indicando esse momento como o fim das metanarrativas, ou seja, do declínio das grandes narrativas,

conforme anota Cláudia de Lima Costa, professora da Universidade Federal de Santa Catarina e estudiosa do pós-colonialismo, no campo de estudos do feminismo:

Lyotard argumenta que a pós-modernidade se caracteriza pela perda de legitimidade e poder por parte das grandes narrativas emancipatórias do iluminismo, bem como pela substituição destas narrativas por outras de menor alcance e mais locais. Contudo a história que o próprio Lyotard nos tece sobre o crepúsculo destas metanarrativas do Ocidente deixa muito a desejar. (COSTA, 1996, p. 51)

Contrapondo-se a François Lyotard, o palestino Edward Said, crítico e professor de literatura de língua inglesa, da Universidade de Columbia, vê na pós-modernidade, apenas a própria “crise da modernidade”, advinda dos estágios anteriores do capitalismo. Considerado um dos maiores pensadores do século XX, observará na perda do prestígio das metanarrativas, na atual inclinação às narrativas de menor alcance e particularizadas tão somente a irrupção de novas alteridades, propiciadas pelo pós-colonialismo. Para Said, o que ocorre é que as antigas lideranças imperialistas estão, gradativamente, perdendo sua hegemonia frente às inúmeras alteridades provenientes dos seus antigos domínios coloniais.

Aproximando-se da visão de Said, o estadunidense Frederic Jameson, um dos mais importantes críticos de inclinação marxista em nossa atualidade, defenderia, em confluência com o pensamento do também marxista Ernest Mandel, a pós-modernidade como a fase do capitalismo tardio, ou seja, o capitalismo em sua terceira fase, chamado também de capitalismo financeiro. Nessa compreensão, Jameson rejeita as teorias da “pós-modernidade” como extrínseco da própria trajetória do capitalismo, como se afere a seguir:

Tais teorias têm a óbvia missão ideológica de demonstrar, para seu próprio alívio, que a nova formação social em questão não mais obedece às leis do capitalismo clássico, a saber, o primado da produção industrial e a onipresença da luta de classes. A tradição marxista tem, por isso, resistido com veemência a essas formulações, com a exceção significativa do economista Ernest Mandel, cujo livro *O capitalismo tardio* propõe-se não apenas a fazer a anatomia da originalidade histórica dessa nova sociedade (que ele considera como terceiro estágio ou momento na evolução do capital), mas também a demonstrar que se trata aí de nada mais nada menos do que um estágio do capitalismo mais *puro* do que qualquer dos momentos que o procederam. (JAMESON, 1996, p.29)

Não obstante esses embates, os defensores da corrente da pós-modernidade se multiplicam na Europa e nos Estados Unidos defendendo a perspectiva de que o alto nível do progresso tecnológico não apenas metamorfoseou a sociedade, bem como os valores

tradicionais que permeavam a feitura e a recepção das artes, especialmente da literatura. Dessa forma, apontam a fragmentação, a reificação, a amoralidade, a pressa que caracterizam o mundo atual como traços privilegiados de um modo de ver, sentir, e reagir, inerentes à pós-modernidade.

Somando-se a esses traços, os teóricos da pós-modernidade também elencam a apatia, a individualidade exacerbada, o consumismo e a grande importância dos meios de comunicação de massa. Em relação à mídia é importante ressaltar que essa desenvolve um papel importantíssimo nesse arquétipo de consumo. Esquecida do seu papel informar, a mídia transforma a informação em espetáculo, esvaziando-a do seu próprio conteúdo.

Exemplo maior dessa prática foi o fato ocorrido em onze de setembro de dois mil e um, quando supostos membros da Al Qaeda explodiram as torres do World Trade Center. Essa tragédia registrada pelas câmeras em todo nível e planos se transformou numa espécie de produção hollywoodiana, cujas cenas seriam editadas e reeditadas num incansável *replay*.

Representadas como *torres fálicas*, as torres gêmeas do World Trade Center se tornariam objeto de reflexão do professor de Literatura Brasileira da USP, Luiz Roncari. Em seu livro, **O cão do sertão: literatura e engajamento** (2004), Roncari procederá às seguintes observações, acerca da importância simbólica das torres estadunidense, vendo nelas a demonstração do poder do centro financeiro do mundo ocidental:

Não existia visualmente nada que as ameaçasse ou lhes disputasse a grandeza e soberania. Elas eram elas: duas hastes geométricas brilhantes que se destacavam ostensivas na cidade opaca; nada se lhes comparava, tanto para os que viviam à sua sombra, como para os que chegavam de fora, por terra, por mar ou ar. Não havia como errar o alvo. O que lhes conferia um valor simbólico era a duplicidade que encarnava como concepção arquitetônica: reuniam o que havia de mais moderno e mais regressivo. Se tinham uma funcionalidade interna pulsante, como se repercutisse ali diretamente as batidas do coração do mundo financeiro de Wall Street, elas expressavam também um poder viril, como as primeiras construções simbólicas arcaicas dos obeliscos e *Memnonas*, das colunas imperiais romanas e das torres religiosas e municipais medievais, que deveriam ser avistadas de longe pelo inimigo e revelar-lhe a força máscula que o aguardava [...] Assim as torres de Nova York combinavam **o orgânico simbólico do falo** com o inorgânico funcional das linhas retas, das formas artificiais abstratas e inanimadas. O gigantismo e o espelhamento dos vidros, por sua vez, deveriam realizar o ilimitado da forma que refletiria em si não só a paisagem terrestre como o próprio céu. Era o seu limite, o que, para os gregos, significava a extrema arrogância humana, tentar equiparar-se aos deuses, o mesmo que perdeu a Ícaro e outros heróis. (RONCARI, 2004, p.266-267 – grifos nossos)

Tratada como tragédia mundial, a explosão das torres do World Trade Center se tornaria, durante semanas e meses, na matéria televisiva, jornalística mais exibida no mundo

ocidental e ofereceria aos Estados Unidos munção para a sua própria guerra em busca do petróleo no Iraque. Tal acontecimento assumiria proporções gigantescas, sendo incorporados aos mais diversos discursos culturais entre eles o cinematográfico, o literário e o crítico, a exemplo de Luiz Roncari e o da música popular no Brasil como demonstra a canção, *Homem Bomba* de Caetano Veloso e Jorge Mautner, lançada um ano após os acontecimentos do onze de setembro.

## 2. *EU NÃO PEÇO DESCULPA*

Constituindo como uma das faixas do CD *Eu não peço desculpa* (2002), de Caetano Veloso, a música “Homem Bomba” se voltaria, pela via da discordância, para as estratégias empregadas pelos mais variados grupos políticos do mundo árabe contra o domínio e a exploração estadunidense em seus territórios. Nesse sentido, Caetano Veloso e Jorge Mautner reatualizariam, em compasso diferenciado, como já notara Roncari, a preocupação de Carlos Drummond de Andrade, em seu texto, “Elegia 1938”, integrante do livro, *Sentimento do mundo*, cujos escritos datam de 1935 a 1940:

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
E adiar para outro século a felicidade coletiva  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
**Porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.**

(DRUMMOND, 1977, p. 115 – grifos nossos)

Perpassado por um tom jocoso e irônico, o CD *Eu não peço desculpa* é, sem dúvida, um dos trabalhos de Caetano em que a ironia se apresenta como elemento privilegiado do fazer musical. Já em sua primeira faixa, “Todo errado” uma canção com arranjo de “brega” esse tom se anuncia, como também o seu desejo de re-dizer o já dito, como demonstram suas releituras de “Cajuína” e “Maracatu Atômico”. Assim em sua coletânea musical Caetano alterna a ironia e a reflexão.

No que diz respeito às músicas com teor reflexivo, percebemos uma pluralidade de assuntos que engloba os mais diversos temas do cotidiano, como é o caso de “Coisa assassina”, “Morre-se assim” e “Homem bomba”. Não podemos esquecer também das canções que remetem diretamente a outras canções, de diferentes autores, num processo de composição denominado de Intertextualidade. Nesse caso, observamos que o CD, ora em estudo, tanto utiliza a Intertextualidade – “Feitiço da Vila”, de Noel Rosa e Vadico e

“Namorada” de Carlinhos Brown – quanto a Intratextualidade, através do rearranjo de “Cajuína”.

Em relação à composição musical “Homem bomba”, observamos que o texto se compõe de duas grandes estrofes. A primeira disposta em quatro versos e a segunda composta de nove versos, totalizando treze versos, como se comprova na transcrição textual abaixo:

HOMEM BOMBA  
(Caetano Veloso e Jorge Mautner)

Lá vem o homem bomba  
Que não tem medo algum  
Porque daqui a pouco  
Vai virar egun

Mas até lá, mata um, mata dois  
Mata mais de um bilhão  
Não vai deixar sobrar nenhum  
Mas eu sou contra essa ideologia da agonia  
Sou a favor do investimento  
Pra acabar com a pobreza  
Sou pelo estudo e o trabalho em harmonia  
O amor e o Cristo Redentor  
Poesia na democracia

A primeira estrofe voltada, claramente, para o tema proposto para discussão, “Homem-bomba”, apresenta essa personagem como destemida, posto que envolta pela atmosfera da morte iminente, metaforizada pelo vocábulo de origem africana egun:

Que não tem não tem medo algum  
Porque daqui a pouco  
Vai virar egun

(VELOSO; MAUTNER, 2002)

Assim, os compositores estabelecem a ligação dos homens-bomba com os eguns, entidades do sistema sagrado africano, representação mitológica para o estágio humano posterior à morte, ou seja, da vivência apenas espiritual.

Segundo a mitologia africana, especialmente do povo Ioruba, o mundo é representado como duas cabaças cortadas e sobrepostas. Na região que se estabelece o corte, especificamente da parte inferior, estaria localizada a Terra, que é habitada pelos seres humanos; na parte superior seria o firmamento. A região que compreende as bordas seria o “horizonte” morada oficial das almas desencarnadas, ou seja, dos *eguns*. Com isso, inferimos que os *eguns* são as almas dos mortos ou mesmo os seus próprios espíritos.

No candomblé, culto dos orixás que é praticado em terreiros, principalmente de tradição Nagô, é comum se prestar homenagens a esses espíritos após sete dias de sua morte física. Nessa tradição, os eguns são encarados como perigosos aos vivos, pois independente de serem bons ou maus, os eguns não exercem influências positivas sobre os viventes.

Africanizando os homens-bomba, Caetano Veloso e Jorge Mautner os revestem de negatividade. Dessa forma, os afastam da tradição religiosa do Hadith, interpretação das palavras de Deus pelo profeta Muhamad, para quem *o sangue do mártir e a tinta do sábio, colocadas na balança, têm o mesmo peso.*(AMARAL et alii,2001, p.30), Assim a negatividade ressaltada pelo nosso compositores só pode ter eficácia se construída através de um olhar outro, de olhar de “fora” e não de um olhar de “dentro”. Como se sabe, no *Islã* se permite que o agredido se defenda e a luta de libertação de seu país é recompensada na vida após à morte.(SHEIK ALI ABDUNE, 2001, P.34) .

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o olhar informado pelo discurso ocidental da mídia, traço da pós-modernidade, Veloso e Mautner se colocam contra as estratégias guerreiras muçulmanas, denominando-a de *ideologia da agonia*. Nesse olhar, endossam a *ideologia do investimento*, ou seja, do capital ocidental, enquanto acenam com *o estudo, o trabalho, poesia na democracia* para por fim à pobreza e as guerras, alinhados a ideologia midiática e inserido-se assim na perspectiva da pós-modernidade.

Nesse caminho Caetano Veloso e Jorge Mautner se distanciam do cantor e compositor Zeca Baleiro. Este, num percurso diferenciado, metaforiza a pós-modernidade através de signos também de religiosidade, mas repleta de negatividade, pois é informada pelos traços do diabólico. Dessa forma, Zeca Baleiro se aproximaria do romântico Sousândrade, primeiro poeta brasileiro a efetuar a mais contundente crítica ao capital estadunidense como se lê n’O Guesa’, mais precisamente no seu décimo canto, “Inferno de Wall Street”, *caleidoscópio, ainda hoje tão atual, do grande poeta maranhense*, como ressalta Augusto de Campos, em seu texto “Ecos do ‘Inferno de Wall Street’”, de 2002.

## POST MODERNITY AND BRAZILIAN CULTURAL MUSIC: a reading of the song “homem bomba”, of caetano veloso and jorge mautner

### Abstract

This job has the aim of analysing the song Homem Bomba , written by Caetano Veloso e Jorge Mautner, which is found in “ Eu não peço desculpas” of 2002. Involved in argument of permanency of term Post Modernity, this study identify the word’s view of the composers so as its relationship with Brazilian society.

**Keyword:** Post modernity. Brazilian cultural music. Caetano veloso

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Elegia 1938. In: -----. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977, p. 115.

BALEIRO, Zeca. Coco do mundo. In: Brazília Groove: coletânea. 2003. CD digital, estéreo.

CAMPOS, Augusto. O inferno de Wall Street. In: -----. CAMPOS, Augusto & Haroldo de. **Revisão de Sousândrade**: textos críticos, antologia, glossário, bibliografia. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002.

COSTA, Claudia de Lima. Sujeitos excêntricos: explorando as fronteiras das teorias feministas. In: Fazendo gênero: **Seminário de estudos sobre mulher**. Santa Catarina: Pós-Graduação em Letras: Centro de Publicações – UEPG, 1996.

FREITAS, Mauriene Silva. Os orixás femininos no Brasil. In: **I Simpósio Internacional em Ciências das Religiões**: pluralismos. João Pessoa: Pós-Graduação em Ciências das Religiões – PPGCR/UFPB, 2007.

JAMESON, Fredric. Teorias do pós-moderno. In: -----. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. Tradução Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.

LYOTARD, François. **O Pós-moderno**. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1986.

PEREIRA, Rosali de Souza Pereira (Org.) **O Islã clássico**: itinerários de uma cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.

REVISTA CAROS AMIGOS. As leis do Islã: entrevista-debate com o Sheik Ali Abdune. São Paulo: Casa Amarela. Ed. Mensal, nov; 2001, nº 56.

RONCARI, Luiz. Literatura e capitalismo. In: -----. **O cão do sertão**: literatura e engajamento: ensaios sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: UNESP, 2007, p. 265-300.

SAID, Edward W. **Cultura e política**. Tradução Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2003.

-----. **Cultura e resistência**: entrevista do intelectual palestino a David Barsamian. Bárbara Duarte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

-----. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

VELOSO, Caetano. Rio de Janeiro: Universal Music, 2002 1 CD digital, estéreo.